



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13124 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL PARA PROFESSORES E PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA INGRESSANTES EM CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Lourival José Martins Filho - UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina

CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL PARA PROFESSORES E PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA INGRESSANTES EM CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Resumo: Projeto investigativo que tem como objeto o ensino de produção textual para professores da Educação Básica ingressantes em um curso de pós-graduação em Educação da região Sul do Brasil. Parte-se de uma concepção de linguagem como instituidora das relações sociais (BAKHTIN, 1999) e do reconhecimento desses docentes como protagonistas no processo de produção científica (FREIRE, 1996, 2000). Em uma abordagem qualitativa e interpretativa proposta por Severino (2016), a leitura exaustiva das entrevistas gerou três dimensões, a saber: 1) A formação inicial precisa ser repensada quanto ao ensino da escrita científica na relação com a comunidade acadêmica. 2) A produção textual na pós-graduação é um exercício constante de aprendizagem e humildade que exige vínculo e que extrapola um componente curricular. 3) O ensino de produção textual na pós-graduação aproxima dilemas, mas gera alegrias no percurso. Dentre os resultados, destaca-se que é fundamental uma prática de diálogo e partilha entre professores pesquisadores da universidade e acadêmicos que são professores da Educação Básica, reconhecendo a importância de trabalhos científicos que dialoguem a partir da compreensão de que quem está trabalhando nas escolas também pode fazer pesquisa e socializar suas reflexões na comunidade científica local, nacional e internacional.

Palavras-chave: Produção textual, Programas de pós-graduação em Educação, Professores da Educação Básica

Este trabalho tem como objeto o ensino de produção textual para professores e professoras da Educação Básica ingressantes em um curso de pós-graduação em Educação, de uma Instituição de Educação Superior pública da região Sul do Brasil. Parte-se de uma concepção de linguagem como instituidora das relações sociais (BAKHTIN, 1999) e do reconhecimento dos e das docentes como protagonistas em seus processos de reflexão e produção de conhecimento (FREIRE, 1996, 2000). As análises realizadas objetivaram responder à seguinte questão de pesquisa: quais são as contribuições da disciplina Produção Textual, em cursos de mestrado e doutorado, para professores e professoras da Educação Básica, ingressantes em um programa de pós-graduação em Educação? A pesquisa se constituiu em um estudo de caso (CHIZZOTTI, 2006; YIN, 2005; LÜDKE; ANDRÉ, 1986), com abordagem qualitativa e perspectiva interpretativa (SEVERINO, 2016) e foi tecida por meio de entrevistas realizadas com nove professores e professoras da Educação Básica, ingressantes na pós-graduação em Educação em 2022.

Em diálogo com o olhar bakhtiniano, a linguagem só é compreendida nas dinâmicas das interações sociais. Nesse contexto, o ensino de produção textual na pós-graduação não pode ser visto como algo acabado, hermético e neutro, pois a escrita faz parte da aprendizagem do ser humano em suas relações existenciais e acadêmicas, sempre permeadas pelo social. Faraco (2007) nos encaminha para um trabalho que se pautar em uma concepção dialógica da linguagem e, nesse aspecto, receber professores e professoras da Educação Básica em cursos de pós-graduação é, sobretudo, estar aberto a aprender com tais profissionais em suas diferentes interfaces de produzir conhecimento, decorrentes do exercício da docência, com a compreensão que escrever textos acadêmicos, como artigos em periódicos, capítulos de livros, trabalhos para eventos e congressos, é uma aprendizagem permanente e não apenas um produto de finalização no contexto das disciplinas da pós-graduação. Isso implica, sobretudo, em uma prática pedagógica, tanto por parte dos professores e das professoras dos programas quanto dos orientadores e das orientadoras e dos acadêmicos e das acadêmicas ingressantes, que leve em consideração que a modalidade escrita da língua precisa ser estudada e vivenciada em relação ao contexto e às situações em que se insere.

As práticas de produção textual no exercício profissional docente que acontecem na Escola de Educação Básica são diferentes das novas exigências textuais e científicas dos cursos de mestrado e doutorado. Freire (1996) alerta, porém, sobre o potencial criativo que habita em cada ser humano que, enquanto sujeito cognoscente, pode aprender sempre, ousar diante das infinitas possibilidades de realização do construir-se educador e educadora. Torna-se fundamental, portanto, um exercício de rigurosidade científica e humildade didática de ambos os lados.

No contexto da investigação aqui relatada, participaram nove ingressantes em um curso de pós-graduação em Educação da região Sul do Brasil, dos quais cinco se declararam como mulheres e quatro como homens; seis estão na faixa etária entre 24 e 35 anos e três entre 35 e 55 anos; cinco participantes são efetivos(as) em rede municipal de ensino e quatro são efetivos(as) em rede estadual; quatro são licenciados(as) em Pedagogia, três são licenciados(as) em Letras, um é licenciado(a) em Geografia e um é licenciado(a) em Biologia; cinco têm mestrado em Educação, dois têm mestrado em História, um tem mestrado em Linguística e um tem mestrado em Geografia; três atuam como docentes nos anos iniciais do Ensino Fundamental, um atua na coordenação pedagógica na Educação Básica, dois são docentes no Ensino Fundamental e Médio no componente curricular Língua Portuguesa, um é docente do componente curricular Geografia no Ensino Fundamental e Médio e dois atuam em órgãos centrais de educação como assessores pedagógicos.

As entrevistas foram realizadas em um laboratório específico vinculado ao programa de pós-graduação correspondente. Partiu-se da seguinte questão inicial, a qual foi direcionada individualmente para cada participante: em sua opinião, qual foi a contribuição da disciplina Produção Textual cursada em 2022 no programa de pós-graduação em Educação? As respostas foram gravadas e transcritas e posteriormente lidas com os nove participantes, que também, de forma individual, autorizaram partes das referidas transcrições para utilização no contexto da pesquisa. Cada entrevista durou em torno de 60 minutos, seguidos de mais 40 minutos com cada participante para conferência do texto transcrito. Por sugestão dos participantes, cada um se atribuiu um nome fictício para utilização na socialização dos resultados e reflexões decorrentes.

A leitura exaustiva das entrevistas, em uma perspectiva interpretativa proposta por Severino (2016), geraram três dimensões, a saber: 1) A formação inicial precisa ser repensada quanto ao ensino da escrita científica na relação com a comunidade acadêmica. Os nove participantes evidenciaram que as formações iniciais acabam deixando apenas para as últimas fases o contato com artigos em periódicos, teses e dissertações; seis afirmaram nas entrevistas que fizeram toda a formação inicial e nunca leram um artigo científico de autoria dos professores do próprio curso; sete destacaram que fizeram a formação inicial sem conhecer os grupos de pesquisa das Instituições de Educação Superior em que cursaram; oito enfatizaram que a maioria dos docentes da formação inicial não socializa os cursos de mestrado e doutorado, deixando a entender que entrar em uma pós-graduação é algo muito difícil e complexo; três evidenciaram que foi necessário contratar serviço de revisão e normatização para adequar o trabalho de conclusão de curso da graduação às normas; nove enfatizaram que a aprendizagem de construção de escrita e reescrita de artigos e textos acadêmicos deveria ser oportunizada a partir dos ingressos nos cursos de graduação; três demonstraram que docentes que atuam na pós-graduação acabam tomando iniciativas de integração entre o ensino de graduação e de pós-graduação, mas não com a frequência necessária; sete destacaram que a formação inicial poderia oportunizar com maior solidez tanto os saberes para a docência quanto para a produção do conhecimento, o que implica a aprendizagem, em especial, da

escrita de artigos com consistência teórico-metodológica. 2) A produção textual na pós-graduação é um exercício constante de aprendizagem e humildade que exige vínculo e que extrapola um componente curricular: seis participantes destacaram que a principal aprendizagem no processo de construção textual na pós-graduação é a humildade, na perspectiva de que o texto não está pronto de imediato, pois exige capacidade de escuta e partilha; oito destacaram que sem vínculo com o professor orientador é muito complicado escrever na pós-graduação; para dois participantes, cada parágrafo escrito em um artigo científico é como houvesse muitas vozes, mas a do orientador precisa estar ali presente, autorizando, referendando a reflexão textual; para sete participantes, uma disciplina sobre produção textual em cursos de pós-graduação é muito importante, pois desafia os estudantes para o exercício da escrita no próprio movimento de cursar a disciplina, mas que o curso só tem sentido no trabalho comprometido da produção científica do corpo docente do programa como um todo. 3) O ensino de produção textual na pós-graduação aproxima dilemas, mas gera alegrias no percurso: oito participantes destacaram que é muito problemática a relação orientando-orientador; seis enfatizaram que, após o ingresso no programa e até o final de um semestre letivo, não tiveram uma reunião com o professor orientador dificultando, com isso, a produção de artigos para periódicos, assim como o envio de trabalhos para participação em congressos e eventos; cinco sentiram-se aliviados por compartilhar problemas no processo de produção escrita de textos como definição de tema, formulação de problemas, redação de objetivos gerais e específicos e formatação geral de artigos e textos científicos; sete enfatizaram que a disciplina no contexto da pós-graduação aprimorou o projeto de pesquisa em andamento, contribuiu para o exame de qualificação e para a escrita final da dissertação ou tese e ajudou na finalização de artigos para submissão a revistas especializadas em Educação; quatro participantes destacaram que o ensino de produção textual na pós-graduação contribui também de forma mais assertiva e científica para a elaboração de projetos de formação de professores no âmbito dos sistemas e redes de ensino da Educação Básica.

De forma geral, as entrevistas e análises decorrentes sinalizam que a profissionalização docente precisa, desde a graduação, contar com ações pedagógicas e curriculares que considerem que o ato de escrever um texto não é uma ação puramente formal e burocrática (ANTUNES, 2003), mas molha-se pela própria vida no dizer e no fazer seu mundo por meio das palavras (FREIRE; MACEDO, 1994). Destaca-se ainda, em um diálogo com Geraldi (2006), que a produção de textos escritos não ocorre por osmose; trata-se de uma prática constante, exige tempo, reflexão e trabalho que se nutre pelo desejo de expressar e socializar saberes. Ponzio (2010) enfatiza que os textos escritos por estudantes precisam ir além do enfoque avaliativo e também devem pautar-se pela alteridade. Conforme Preve (2020, p. 21): “É vital uma disposição para aprender a partir do convite do inesperado que bate a sua porta.” Em outras palavras, é fundamental uma prática de diálogo e partilha entre os professores pesquisadores da universidade e os acadêmicos que ingressam no programa e são professores e professoras da Educação Básica, reconhecendo a importância de trabalhos científicos que dialoguem a partir do reconhecimento que quem está na Educação Básica

também pode ser pesquisador e socializar suas reflexões na comunidade científica, local, nacional e internacional. Em uma leitura de Cunha (2020), produções textuais podem gerar, sensibilidades, encantamentos, e extrapolam a função comunicativa. Professores e professoras da Educação Básica, ao produzirem conhecimento científico na pós-graduação, socializam e democratizam saberes e fazeres em um Brasil onde a pesquisa e os seus processos e produtos são fundamentais em todas as áreas de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis: Vozes, 2006.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Eu te dedico: história, educação e sensibilidades nas dedicatórias de livros de um professor catarinense (1940-1980). *História da Educação*, Porto Alegre/RS, v. 24, e97920, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/97920>.

FARACO, Carlos Alberto. O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do Círculo de Bakhtin. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antónia (org.). *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas/SP: Mercados da Letras, 2007. p. 43-50.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar*. 10. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2006. p. 38-46.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

PONZIO, Augusto. *Procurando uma palavra outra*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

PREVE, Ana Maria H. 'Habitó, mas não vivo aqui': multiplicidades, linguagens e saber

geográfico. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas/SP, v. 10, n. 19, p. 5-22, jan./jun. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 24. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2016. v. 1.